

DINAH JEFFERIES

Antes da  
tempestade

Tradução  
ANDRÉ FONTENELLE

PA  
PA  
PB  
PB

Copyright © 2017 by Dinah Jefferies

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Before the Rains

CAPA Lee Motley

IMAGENS DA CAPA © Jeff Cottenden; © Arcangel Images; © Getty Images

PREPARAÇÃO Diogo Henriques

REVISÃO Érica Borges Correa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Jefferies, Dinah

Antes da tempestade / Dinah Jefferies ; tradução André Fontenelle. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2017.

Título original: Before the Rains.

ISBN 978-85-8439-098-4

1. Ficção histórica inglesa I. Título.

17-08105

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção histórica : Literatura inglesa 823

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.editoraparalela.com.br](http://www.editoraparalela.com.br)

[atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br](mailto:atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br)

[facebook.com/editoraparalela](https://facebook.com/editoraparalela)

[instagram.com/editoraparalela](https://instagram.com/editoraparalela)

[twitter.com/editoraparalela](https://twitter.com/editoraparalela)

DELHI, ÍNDIA, 23 DE DEZEMBRO DE 1912

Anna Fraser aguardava em pé na varanda ornamentada de uma das mansões *haveli*. Às onze da manhã, as ruas já haviam sido lavadas e aspergidas com óleo, mas mesmo assim a poeira carregada pelo vento irritava os olhos da multidão que chegava. As fileiras de amargosas e figueiras-dos-pagodes balançavam com força, como se protestassem, e os corvos se juntavam ao coro, crocitando e grasnando acima das vielas estreitas que se espalhavam a partir da praça central.

Anna segurava uma sombrinha branca e fitava inquieta os comerciantes logo abaixo, vendendo de tudo, de sorvete a peixe frito apimentado. Havia frutas de aparência estranha, sáris de chiffon, livros e bijuterias. Atrás de janelas reticuladas, mulheres forçavam a vista bordando finos xales de seda. Boticários angariavam fortunas com óleos e poções de colorido original, cujo odor de sândalo permeava o ar. David dizia que era óleo de serpente, mas Anna ouvira que alguns eram extraídos da moagem de lagartos e coloridos com extrato de romã. Anunciavam que tudo o que se desejasse poderia ser encontrado ali, bem no centro da cidade.

Tudo o que se desejasse! Quanta ironia, pensou ela.

Anna se virou na direção de onde em breve surgiria o vice-rei, sentado num elefante, acompanhado pela esposa. Cheio de soberba,

David, marido de Anna e assessor distrital, informara a ela que também viria montado num dos cinquenta e três elefantes, todos eles escolhidos para seguir atrás do vice-rei, Lord Hardinge, que encabeçaria a procissão. Delhi ia tomar o lugar de Calcutá como sede do governo britânico, e aquele era o dia em que Lord Hardinge selaria o acordo, por meio da entrada oficial na velha cidade murada, saindo da estação ferroviária central de Delhi.

Anna notou o som dos canários e dos rouxinóis, empoleirados nas dezenas de gaiolas que adornavam as fachadas das lojas, e, mais ao longe, o ruído grave dos últimos bondes que passavam. Então olhou para a aglomeração de nativos, o povo que continuava a chegar, e chamou a filha, Eliza.

“Pode vir, querida. Eles não devem demorar.”

Eliza estava sentada, lendo para matar o tempo, mas se levantou imediatamente ao ouvir a voz da mãe.

“Onde? Onde?”

“Que animação toda é essa? Já falei, é só ter paciência”, disse Anna, olhando para o relógio. Eram onze e meia.

Eliza balançou a cabeça. Já tinha esperado demais. Quando se tem dez anos, é difícil segurar uma empolgação tão grandiosa e ainda por cima inédita.

“Já está quase na hora de ver o papai”, disse ela.

Anna deu um suspiro. “Olhe só para você. Já amarrotou o vestido.”

Eliza baixou os olhos para a roupa branca cheia de fru-frus, feita especialmente para a ocasião. Ela se esforçara ao máximo para conservá-la impecável, mas, por algum motivo, nunca tinha se dado muito bem com vestidos. Até tentava mantê-los limpos, mas havia tantas coisas melhores a fazer. Felizmente, o pai nunca se importara com a aparência dela. Eliza o amava com imenso fervor; ele era bem-apegoado e bem-humorado, sempre lhe reservava um abraço apertado e tinha um docinho embrulhado no bolso da camisa.

Comparados aos nativos, os ingleses pareciam pálidos, com suas roupas brancas de linho e algodão, sentados em arquibancadas ao longo da rua. Apesar de um dia esplendoroso, Anna não conseguia deixar de pensar no ar de apatia de muitos indianos, embora o motivo talvez

fosse o vento frio que soprava do Himalaia. Os ingleses pareciam empolgados, como era de esperar. O cheiro de gengibre e *ghee* pairava no ar enquanto ela esperava, tamborilando os dedos no parapeito. David fizera muitas promessas quando propusera que fosse com ele para a Índia, mas, ano após ano, a magia fora se perdendo. Lá embaixo, a criançada inquieta começava a romper o cerco. Uma criança pequena ultrapassou o cordão e entrou no caminho por onde passaria a procissão em sua marcha rumo à fortaleza.

Anna tentou localizar a mãe da criança. Quanta negligência, pensou, deixá-la se afastar tanto. Viu então uma mulher de saia verde-esmeralda, aparentemente distraída em pensamentos, olhando para o balcão mais acima, e pensou que talvez fosse ela. Quando seus olhares se cruzaram, Anna ergueu a mão para avisá-la. A mulher voltou os olhos para baixo e saiu de onde estava para puxar a criança perdida de volta à segurança do público.

Enquanto assistia ao movimento da turba na rua, Anna sentia-se contente por estar a salvo da intrincada mistura de velhas desdentadas de rosto e cabeça cobertos, mendigos solitários enrolados em cobertores puídos, mascates com seus filhos e locais enrolados em xales, que pareciam gritar uns com os outros. Gatos perambulavam pela rua, com o pescoço virado para cima, de olho no revoar dos pombos entre os galhos das árvores. Homens de meia-idade acompanhavam tudo com ar sério, pousando o olhar nas chamadas “dançarinas”. Só a cantoria das crianças ao fundo melhorava um pouco o humor de Anna.

Não havia como evitar pensar no passado que permeava cada centímetro da praça histórica, infiltrando-se até a estrutura dos edifícios. Todos lembravam que ali haviam ocorrido as procissões dos imperadores, ali os príncipes mogóis tinham empinado seus cavalos dançarinos e os ingleses haviam chegado trombeteando o projeto de construir uma nova e poderosa Delhi imperial. Desde a visita do rei, no ano anterior, a paz se impusera e os assassinatos políticos haviam cessado; por essa razão, considerou-se desnecessário adotar medidas de segurança especiais para o grande dia.

Ela ouviu o estrondo alto dos canhões, indicando a chegada imi-

nente do vice-rei. Eles dispararam de novo, e um alarido nasceu da multidão. Agora, surgia gente de todas as janelas e varandas, com os olhos voltados para a salva de canhões. Anna sentiu um arrepiamento percorrer seu corpo — foi quase uma premonição, ela viria a pensar depois —, mas não deu importância a isso. Olhou para o relógio e em seguida para o maior elefante que já tinha visto, com um esplêndido *houdah* de prata, aberto no alto, em seu dorso, de onde Lord Hardinge e a mulher assistiam a tudo. O próprio elefante, de tom cinza-azulado, fora decorado no chamativo estilo local, tingido em padrões coloridos e coberto com veludo e ouro. A procissão já havia passado pelos jardins reais, onde o público não estava autorizado a se reunir; agora, ao entrar em Chandni Chowk, o clamor começava a aumentar.

“Ainda não vejo papai”, disse Eliza, gritando para se fazer ouvir em meio à balbúrdia. “Ele está lá, não está?”

“Pelo amor de Deus, você é a criança mais impaciente do mundo!”

Eliza olhou para a rua, onde dezenas de crianças tentavam avançar. Em seguida, franziu o cenho. “Acho que não. Olhe só para eles. E seus pais nem estão na procissão.”

Ela se debruçou o máximo que a coragem permitia, segurando com força o peitoral e saltitando. Mal conseguia conter a empolgação enquanto a extensa fila de elefantes começava a aparecer.

“Tome cuidado”, ralhou a mãe. “Se pular desse jeito vai acabar caindo.”

Logo atrás do vice-rei vinham dois delegados de distrito especialmente indicados, seguidos pelos príncipes de Rajputana e pelos chefes punjabis, em elefantes ricamente decorados. Cercavam-nos os respectivos soldados de cada estado, portando espadas e lanças, e ostentando o tradicional uniforme de gala. Na sequência, vinha o restante do governo britânico, em elefantes mais simples. Eliza sabia de cor a ordem. O pai lhe explicara cada momento da cerimônia, e ela pedira que ele desse uma parada, olhasse para cima e acenasse quando seu elefante passasse embaixo do varanda. O vento diminuía, o sol saía e a manhã parecia perfeita. A hora finalmente havia chegado.

Anna voltou a olhar para o relógio. Quinze para meio-dia. Bem na hora. Do outro lado da rua, a mulher de verde-esmeralda segurava no

colo a criancinha, para que pudesse ver tudo. Melhor assim, pensou Anna.

Os ingleses começaram a vibrar, com gritos de “Urra!” e “Deus salve o rei!”. No mesmo instante em que Lord Hardinge retribuiu a saudação, Eliza reconheceu o pai e acenou empolgada. Enquanto o elefante do vice-rei dava mais alguns passos à frente, a montaria de David Fraser parou, de modo a cumprir o desejo de Eliza. No instante em que ele voltou os olhos para cima, uma explosão devastadora, parecida com o ribombar poderoso de um canhão, silenciou instantaneamente a multidão. Os edifícios pareceram balançar e toda a procissão se deteve, assustada. Em estado de choque, Anna e Eliza observavam fixamente, enquanto a fumaça branca e os destroços se espalhavam. Sentindo como se tivesse levado um soco no peito, Eliza esfregou os olhos úmidos e se afastou do peitoril com um salto. Não conseguia ver o que ocorrera. A fumaça se dissipou um pouco e sua mãe tossiu, em meio ao ar trepidante.

“Mãe, o que foi isso?”, gritou Eliza. “O que está acontecendo?”

Nenhuma resposta.

“Mãe!”

Era como se Anna estivesse surda. Eliza sabia apenas que alguma coisa havia voado pelos ares, mas o que fazer? Fitava, confusa, a multidão atarantada. Por que a mãe não respondia? Ela puxou a manga de Anna e percebeu que os nós de seus dedos estavam brancos de tanto apertar o peitoril.

Lá embaixo, a massa havia invadido a rua, e em meio à nuvem de poeira ela viu soldados acorrerem ao vice-rei, vindos de todos os lados. Um odor desagradável de metal derretido, misturado a alguma substância química, dificultava a respiração. Ela tossiu e puxou de novo a manga de Anna.

“Mãe!”, chamou Eliza.

Mas o olhar arregalado de Anna, pálida, completamente estática, estava perdido.

Num estado incomum de animação suspensa, Anna parecia notar apenas que a mulher de verde, do outro lado da rua, havia desmaiado. Eliza também a viu, mas não entendia por que a mãe não parava de

apontar para ela. Só sabia que tinha uma sensação terrível na barriga e vontade de chorar.

“Papai está bem, não é?”

Só então Anna se apercebeu dela. “Não sei, querida.”

Embora parecesse que só tinha olhos para a mulher do outro lado da rua, Anna vira o marido vacilar em seu assento e inclinar-se para a frente. Por um instante deu a impressão de se endireitar e até dar um sorriso para Eliza, mas logo em seguida caiu de novo para a frente, e permaneceu lá. O serviçal que segurava a sombrinha oficial do vice-rei agora pendia preso às cordas do *houdah*.

Eliza só conseguia pensar no pai. Ele estava bem. Tinha que estar. De repente ela se deu conta do que tinha que fazer. Deixando a mãe para trás, deu meia-volta, desceu correndo as escadas e foi para a rua, onde deu um encontrão num menino indiano que não parecia muito mais velho que ela. Sem saber o que dizer, Eliza fitou o menino, estupefata. “Meu pai”, murmurou ela.

O menino a pegou pela mão. “Saia daqui. Não há nada que você possa fazer.”

Mas Eliza tinha que vê-lo. Ela se livrou do menino com um safanão e abriu caminho. Quando chegou à frente da procissão, estacou. O elefante estava tão assustado que não queria se ajoelhar. Para sua enorme tristeza, Eliza viu quando outro oficial inglês armou uma escada em cima de um baú de uma loja vizinha, de modo a trazer seu pai de volta para o chão. Colocaram-no sobre os paralelepípedos e, à primeira vista, o corpo não parecia ter marcas, mas o rosto estava translúcido como o gelo, e os olhos, arregalados com o choque. Eliza correu para se ajoelhar a seu lado, mas tropeçou e quase caiu. Assustada, ela o envolveu nos braços, empapando o vestido com o sangue da pessoa que mais amava no mundo.

“Receio que não haja tido qualquer chance. Pobre sujeito!”, disse alguém. “Parece que os canalhas usaram parafusos, pregos, agulhas de gramofone, vidro e coisas assim para fazer a bomba. Alguma coisa o atingiu no peito. Foi uma fatalidade. Mas, nem que tenhamos que botar Chandni Chowk inteira abaixo, vamos pegar o grupo de falsos libertadores que fez isso!”



Eliza ainda estava enlaçada ao pai. Colando a boca à orelha dele, sussurrou: “Eu te amo”. E quis acreditar que ele a escutara.

Foi então que, em meio ao burburinho cada vez maior da multidão, o menino disse, educadamente: “Senhorita, por favor, deixe-me ajudá-la a se erguer. Ele se foi”.

Eliza olhou para ele, mas nada parecia real.

## PARTE I

*Longe de nós nos sonhos e no tempo, a Índia  
pertence ao Oriente antigo da nossa alma.*

*André Malraux, Antimemórias, 1967*

ESTADO PRINCIPESCO DE JURAIPORE, RAJPUTANA,  
IMPÉRIO INDIANO, NOVEMBRO DE 1930

Por um breve instante Eliza vislumbrou a fachada do castelo. Ela ficou espantada com a forma como tremeluzia — como uma miragem engendrada pelo mormaço do deserto, estranha e um tanto amedrontadora. O vento vacilou e voltou a ganhar força. Eliza fechou os olhos brevemente, até que a nuvem, que parecia uma extensão da areia, passasse. Estava longe de casa e não tinha ideia do que ia acontecer, mas não podia voltar atrás, e sentia o medo como um nó no estômago. Aos vinte e nove anos, aquele era o serviço mais importante que lhe encomendavam desde que se tornara fotógrafa profissional. Não estava claro para ela por que Clifford Salter a escolhera. Ele dissera que Eliza estaria em melhores condições de fotografar as mulheres do castelo, já que muitas ficavam reticentes diante de forasteiros, sobretudo homens. E o vice-rei solicitara especificamente alguém de nacionalidade britânica, acautelando-se contra conflitos de interesse. Ela receberia um estipêndio mensal, além de um prêmio pelo êxito na missão.

Eliza reabriu os olhos em meio ao ar carregado de areia e poeira, escondendo a visão do castelo. Mais acima, o céu estava completamente azul. O calor era implacável. Seu acompanhante virou-se para dizer

que se apressasse. Ela inclinou a cabeça e subiu de volta à carruagem puxada por camelos, apertando contra o peito a bolsa com a câmera. Não podia deixar que a areia danificasse seu precioso equipamento.

Já mais próxima do seu destino, Eliza ergueu os olhos, divisando uma fortaleza que se estendia ao longo da montanha, como num sonho. Uma centena de pássaros atravessava em revoada o horizonte. Muito acima, nuvens róseas enfileiradas formavam delicados desenhos. Quase tonta com o calor, ela teve que se esforçar para não ceder a tal feitiço; afinal de contas, estava ali para trabalhar. Mas, se não se curvasse por causa do vento, que lhe trazia o passado distante de volta, lembranças mais recentes fariam o trabalho.

Quando Anna Fraser entrou em contato com Clifford Salter, milionário afilhado de seu falecido marido, sua ideia era conseguir para a filha uma vaga de escriturária numa firma de advocacia em Cirences-ter ou algo do gênero. Assim, esperava evitar que Eliza tentasse fazer carreira como fotógrafa. Afinal de contas, quem ia querer uma mulher trabalhando como fotógrafa? Mas justamente Clifford queria. Ele achou que ela atenderia perfeitamente aos seus propósitos. Anna não teve como se opor. Afinal, ele era o representante da Coroa britânica, e obedecia apenas ao chefe político de Rajputana, o agente do governador-geral, com poder indireto sobre todos os vinte e dois Estados principescos. Ele, os residentes e as autoridades políticas menores dos estados inferiores pertenciam à seção política que estava diretamente sob as ordens do vice-rei.

Agora Eliza tinha diante de si um ano no interior de um castelo onde não conhecia ninguém. Sua tarefa seria fotografar a vida no Estado principesco, criando um novo acervo que marcasse a mudança da sede do governo britânico de Calcutá para Delhi. A construção de Nova Delhi havia levado muito mais tempo do que o esperado, e a guerra atrasara tudo, mas a hora finalmente havia chegado.

Ela ouvira os alertas da mãe sobre o sofrimento da população e notou os garotos do lado de fora dos muros imensos do castelo brincando em meio ao pó e à sujeira. Reparou numa mendiga, sentada de pernas cruzadas com o olhar vazio fixo à frente, ao lado de uma vaca que dormia. Perto delas, uma estrutura em bambu apoiada contra um

muro alto balançava perigosamente. Duas pranchas de madeira soltas pairavam logo acima de uma criança nua, de cócoras no chão.

“Pare!”, gritou Eliza. Assim que a carroça parou de se arrastar, ela saltou. Uma das pranchas começava a escorregar de seu apoio. Com o coração aos pulos, ela se esticou e afastou a criança do perigo. A madeira caiu ao chão, partindo-se em vários pedaços. A criança saiu correndo, sob o ar indiferente do condutor da carroça. Será que não se importam?, pensou Eliza, enquanto subiam a ladeira.

Poucos minutos depois, o carroceiro estava batendo boca com os guardas do lado de fora da fortaleza. Não queriam lhe dar passagem, embora tivesse mostrado os papéis necessários. Eliza olhou para o alto, para a intimidante fachada e o enorme portal de entrada, largo o bastante para passar um exército, camelos, cavalos e carruagens. Ouvira dizer que o potentado possuía inúmeros carros. Mas o veículo em que viajava havia quebrado, e prosseguir numa carruagem puxada por camelos a deixara cansada, com sede e suja. Seus olhos estavam irritados e sentia uma comichão na cabeça. Ela não conseguia evitar se coçar, ainda que aquilo piorasse as coisas.

Por fim, uma mulher apareceu no portão, com o rosto coberto por uma echarpe fina e comprida, que deixava apenas seus olhos escuros à mostra.

“Sua graça?”

Eliza se identificou enquanto protegia os próprios olhos do sol penetrante da tarde.

“Prossiga.”

A mulher fez um sinal para os guardas, que, mesmo com cara de desagrado, deixaram a carruagem passar. Fazia dezoito anos que Eliza e a mãe haviam trocado a Índia pela Inglaterra. Dezoito anos de perspectivas cada vez mais diminutas para Anna Fraser. Mas Eliza havia decidido ser livre. Ela tinha a sensação de estar renascendo, como se uma mão invisível a tivesse levado de volta — embora Clifford Salter não tivesse nada de invisível. Ele não era um homem bonito, e seria difícil encontrar alguém mais desinteressante. Os cabelos loiros rareando e os olhos azuis míopes e umedecidos davam uma impressão de insipidez. Porém, Eliza lhe era grata por ter conseguido aquele ser-

viço na terra dos rajaputes, guerreiros daquele aglomerado de Estados principescos na região desértica do Império Indiano.

Antes de passar por baixo de uma série de arcos majestosos, Eliza sacudiu a poeira do corpo o máximo que pôde. Um eunuco a guiou por um labirinto de salões e corredores azulejados até um minúsculo vestíbulo. Ela ouvira falar daqueles homens castrados que usavam roupas femininas, e sentiu um calafrio. O vestíbulo era vigiado por mulheres, que a olharam com ar pouco amistoso, impedindo sua passagem pelas imensas portas de sândalo incrustadas de marfim. Quando, depois de algumas explicações do eunuco, elas permitiram que avançasse, ela foi deixada esperando sozinha. Eliza examinou o salão, pintado de alto a baixo de um azul-celeste claro, decorado com detalhes em ouro. Flores, folhas e pergaminhos em filigrana subiam pelas paredes, espalhando-se pelo teto. Até o chão havia sido acarpetaado num tom azul combinando. Embora as cores fossem brilhantes, o conjunto transmitia um efeito de delicada beleza. Envolvida por tanto azul, ela quase se sentiu no céu.

Será que esperavam que anunciasse de alguma forma sua chegada, como dando um pigarro discreto? Chamando alguém? Ela limpou as mãos grudentas na calça e pôs no chão a pesada bolsa com o equipamento fotográfico, mas, depois de um breve instante, pegou-a de volta. O cabelo preso na altura da nuca, a calça cáqui e a camisa branca — agora amarrotada — só aumentavam a sensação de ser um peixe fora d'água. Num lugar tão cheio de cores e detalhes, Eliza não poderia ficar à vontade. Tinha passado a vida inteira fingindo se sentir bem, falando de coisas sem importância, simulando interesse por pessoas de quem não gostava. Fizera um enorme esforço para ser igual às outras meninas, depois às outras mulheres, e mesmo assim a sensação de estar deslocada nunca a abandonara, mesmo depois do casamento com Oliver.

No cintilante salão laranja que sucedia o vestíbulo azul, os raios de sol que entravam pela janelinha retangular revelavam o pó suspenso no ar. Para além do salão, ela discernia o canto de outra sala, de um vermelho profundo. Era onde efetivamente começavam as paredes entalhadas da *zenana*. Eliza sabia que as *zenanas* dos palácios reais de Rajputana eram interditadas aos homens plebeus. Clifford lhe explica-

ra todo o mistério e as intrigas que envolviam aquele espaço reservado às mulheres e que ele chamava de harém. Era, segundo ele, o lugar das conspirações, dos rumores e do erotismo desabrido, pois ali todas eram iniciadas nas “dezesseis artes de ser mulher”. Um lugar fervilhante de fornicção múltipla e degeneração moral — foi a expressão que ele usou, com uma piscadela —, até mesmo entre os religiosos, ou, melhor dizendo, especialmente entre os religiosos, embora as autoridades britânicas tivessem feito esforços para erradicar as práticas sexuais mais obscuras.

Eliza conjecturou: quais seriam as tais dezesseis artes? Se as conhecesse, talvez seu casamento tivesse sido mais bem-sucedido. Só de pensar na solidão da vida com Oliver, ela soltou um suspiro.

Da sala vermelha, desprendia-se um perfume oriental enjoativo, que certamente continha canela e talvez gengibre, além de algo inebriantemente adocicado, confirmando o que ela ouvira falar a respeito da *zenana*. Por essa razão, sentiu-se sufocada e teve vontade de se aproximar da janela, abrir a cortina branca esvoaçante e se debruçar para respirar ar puro.

Eliza começou a sentir dor nos braços e agachou-se para depositar no tapete a bagagem pesada, encostando-a numa parede onde havia um abajur em forma de pavão sobre um suporte de mármore. Ao ouvir um pigarro profundo, ela levantou o olhar e empertigou-se rapidamente, ajustando os cachos que haviam se soltado dos grampos cuidadosamente colocados. A vida inteira batalhara para controlar os cabelos longos e cheios, que tendiam a cachear. Ao ver a silhueta de um homem extremamente alto de pé diante da janela, Eliza engoliu em seco, tentando disfarçar o nervosismo.

“A senhorita é britânica?”, ele perguntou. Ela arregalou os olhos, surpresa com seu inglês impecável.

O homem deu um passo à frente e a luz atingiu seu rosto. Era um indiano de fortíssima compleição. Sua roupa estava coberta de pó vermelho e alaranjado, e em seu cotovelo esquerdo empoleirava-se um imenso pássaro encarapuçado.

“O senhor tem permissão para estar aqui?”, perguntou Eliza. “Não estamos na entrada da *zenana*?”

Ela se concentrou nos olhos profundos dele, da cor do âmbar, delineados por cílios provavelmente negros, e perguntou-se por que ele não estava usando turbante. Não era assim que se vestiam todos os homens em Rajputana? Sua pele morena brilhava, e os cabelos castanhos e lustrosos estavam penteados para trás, formando um topete frouxo.

“Acho que o senhor deveria procurar a entrada dos mercadores”, acrescentou Eliza, supondo que fosse algum tipo de mascate, embora na verdade tivesse mais a aparência de um cigano ou de um menestrel itinerante. Ela sentiu um filete de suor correr sob as axilas, de modo que a sensação pegajosa não se restringia mais às mãos.

Foi nesse instante que uma indiana mais velha entrou no salão, vestindo trajes tradicionais: a saia longa e cheia conhecida como *ghagra*, uma camisa lisa e o *dupatta*, um lenço bufante que flutuava com seu movimento, em uma mistura de vermelho-vivo, verde-esmeralda e escarlate, com costuras em dourado. Apesar de incompatível, o conjunto era bonito. Desprendia-se dela uma nuvem de sândalo, assim como um ar de paz silenciosa. Quando a mulher puxou um cordão por trás do suporte de mármore, o abajur de pavão ganhou vida, derramando uma luz verde-azulada. Em seguida, ela caminhou em direção a Eliza e fez uma leve mesura, com as palmas bem unidas e os dedos cheios de anéis com pedras e unhas bem-feitas com esmalte dourado apontados para cima.

“*Namaskār*, meu nome é Laxmi. A senhorita é a fotógrafa, certo?”

“Meu... meu nome é Eliza Fraser.” Ela curvou a cabeça, sem saber se a mesura era devida. Afinal, aquela mulher havia sido marani, e era mãe do soberano de Juraipore. Clifford lhe havia contado que a beleza e a inteligência da antiga rainha eram lendárias, e que, junto com o finado marido, o antigo marajá, ela fora responsável pela modernização de muitos costumes do Estado. Laxmi tinha o cabelo trançado e enrolado na altura do longo e elegante pescoço; suas maçãs do rosto eram bem delineadas e seus olhos negros faiscavam. Eliza concluiu que sua fama era justificada, mas lamentou não ter feito mais perguntas a Clifford sobre as regras de etiqueta. A única recomendação que ele havia feito fora para tomar cuidado com as traças, que comiam as roupas, e os cupins, que comiam a mobília.



Laxmi virou-se para o homem. “E você? Vejo que trouxe de novo esse pássaro.”

O homem deu de ombros com um ar de intimidade e ergueu as sobrancelhas. Eliza notou que eram grossas e negras.

“O nome dele é Godfrey”, o homem disse.

“E isso é nome que se dê a um falcão?”, perguntou a mulher.

Ele riu e piscou para Eliza. “Era o nome do meu professor no curso clássico em Eton, um homem bastante distinto.”

“Eton?”, perguntou Eliza, surpresa.

Laxmi soltou um suspiro profundo. “Permita-me apresentar meu segundo e mais rebelde filho, Jayant Singh Rathore.”

“Filho?”

“Sempre repete tudo o que lhe dizem, srta. Fraser?”, perguntou Laxmi, com uma cara zombeteira, então abriu um sorriso. “É compreensível que esteja nervosa. E fico feliz que esteja aqui para retratar nosso cotidiano. Para um novo arquivo em Delhi, pelo que soube.”

Diante da menção a seu trabalho, Eliza recompôs-se e começou a falar com ânimo. “Sim, Clifford Salter quer imagens menos formais, para mostrar a vida de vocês como ela realmente é. Há tanta gente fascinada pela Índia que espero publicar algumas imagens nos melhores periódicos. A *Photographic Times* ou o *Photographic Journal* seriam perfeitos.”

“Entendo.”

“Um guia completo da vida num Estado principesco, ao longo de um ano inteiro. Estou muito ansiosa. Obrigada por me convidarem. Prometo não me intrometer, mas há tanta coisa para ver, e a luz é fantástica. É tudo uma questão de luz e sombra. *Chiaroscuro*. E espero conseguir...”

“Sim, tenho certeza disso. Quanto a meu filho, depois que tirar a poeira do deserto da roupa, você vai perceber que não é tão repulsivo quanto parece neste momento.” Laxmi riu. “Fale a verdade. Achou que ele fosse um cigano?”

Eliza, também coberta de pó, sentiu o rubor subir pelo pescoço e, mesmo não sendo a mais quente das estações, ficou com calor.

“Não se preocupe, é o que todo mundo pensa quando ele passa

dias sem fim no deserto.” Laxmi bufou. “Trinta anos de idade e ainda amante do perigo. Ele prefere o mato a gente civilizada como nós. Não admira nem um pouco que não tenha se casado.”

“Mãe!”, disse Jayant, num tom de advertência que não passou despercebido a Eliza. Em seguida, ele abriu a cortina e debruçou-se na janela, com um ar de desinteresse indolente no rosto.

Ela podia perceber a frustração de Laxmi com o filho no movimento de seu queixo, mas a mulher se refez rapidamente e se voltou para Eliza. “Muito bem! Esse é seu equipamento?”

“Uma parte. O resto está vindo numa carroça.” Eliza fez um sinal genérico na direção de onde supunha que viria.

“Providenciarei para que o levem aos seus aposentos. Você vai ficar aqui, para que não desapareça de vista.”

A preocupação de Eliza deve ter ficado evidente, pois a mulher deu outra risada. “Só estou provocando, minha querida. Pode ir e vir no castelo como bem entender. Seguimos fielmente as exigências do residente.”

“É muito gentil de sua parte.”

“Não tem nada a ver com gentileza. É de nosso próprio interesse agradar o governo britânico. No passado, nosso relacionamento foi espinhoso, reconheço, mas estou tentando usar minha influência para domar certas facções aqui dentro. Em todo caso, basta por agora. Você terá sua própria câmara escura, com acesso a toda a água que solicitar, e descobrirá que seus aposentos pessoais são extremamente confortáveis e dão para um lindo jardim de inverno, repleto de vasos de palmeiras.”

“Obrigada. Clifford disse que havia feito os preparativos com a senhora. Mas minha expectativa era... bem, de um lugarzinho só meu.”

“Não daria certo de jeito nenhum. De qualquer forma, nossa casa para hóspedes na cidade está passando por reformas. E, mesmo a *purdah* tendo acabado aqui em Juraipore, ainda há homens que acreditam que as mulheres devem continuar escondidas pelo véu. Não poderíamos deixar você andar sozinha pela cidade.”

“Tenho certeza de que não haveria problema”, disse Eliza, embora não tivesse certeza nenhuma.

“Os ingleses acham que são os únicos responsáveis por terem ti-

rado as mulheres das trevas, mas, para ser absolutamente sincera, eu só elogiava o costume da *purdah* da boca para fora. Depois que a mãe do meu marido morreu, ele não tardou a aceitar meus pedidos para acabar com ela. A muitos homens convém que a mulher seja submissa e ignorante. Para minha felicidade, ele não era um desses.”

“E quais são suas instruções para quando estiver fora dos muros do castelo?”

“Esteja acompanhada o tempo todo. Agora que estamos bem no meio do mês do Kartik, Jayant fez a gentil proposta de acompanhar você numa viagem à feira de camelos de Chandrabhaga. Depois de amanhã. Uma escolta de serviçais seguirá junto. Tenho certeza de que meu filho apreciará a oportunidade de usar seu inglês e de que você desfrutará da feira. Soube que haverá camelos de várias cores e rostos interessantes a registrar. E amanhã poderá acompanhar o sr. Salter numa partida de polo.”

Eliza deixou-se vencer pelos nervos. Nem a partida de polo nem a feira de camelos a empolgavam. Sua vontade era de se instalar e se ambientar antes de sair dali, principalmente na companhia de um príncipe, por mais diferente que ele fosse. Ela tentou sorrir, mas sua boca se contraiu. “Minha expectativa era conhecer um pouco mais do castelo antes”, disse, percebendo que Jayant a observava com ar curioso, ainda com o falcão empoleirado no braço.

“Mãe, acho que a senhora encontrou alguém à sua altura”, disse ele.

Eliza teve a impressão de notar algo diferente na voz dele. Seria uma provocação a ela? Ou à mãe?

Laxmi soltou uma espécie de muxoxo educado, e Eliza teve a clara impressão de que, em seu entender, seria altamente improvável encontrar alguém à sua altura. “Haverá tempo de sobra para conhecer o castelo. A feira é imperdível, você vai conhecer um pouco do interior e vai ser apresentada a Indira. Pedirei a Kiri, a camareira, que mostre seus aposentos.”

“A senhora permitiu que Indira fosse na frente, mãe? Isso vai acabar em problemas.”

“Mandei um homem de confiança e uma criada junto. De qualquer maneira, a menina sabe quais são os camelos dela.”

O sol devia ter mudado de posição, pois agora longos raios de luz se espriavam sobre o piso. Laxmi estava sendo simpática e amistosa, mas Eliza tinha a sensação de que era melhor não a contrariar. Quando a mulher foi embora, mantendo a postura impecavelmente real, o filho fez uma mesura cheia de formalidade. Eliza o observou com calma, prestando atenção nos traços fortes do rosto, delineados por maxilares proeminentes, parecidos com os da mãe, porém muito mais masculinos; uma testa inteligente, bigode, os olhos distantes e âmbar. Quando ele a encarou com ar sério, Eliza desviou o olhar.

“Nós não a convidamos”, disse ele, num tom bastante calmo. “Só obedecemos à ordem de lhe dar acesso ao castelo e acompanhar até outros locais. Os ingleses gostam de dar ordens.”

“A ordem foi de Clifford Salter?”

“Precisamente.”

“E o senhor sempre o obedece?”

“Eu...” Ele fez uma pausa e mudou de assunto, mas ela ficou com a nítida impressão de que estava prestes a falar mais. “Minha mãe quer um camelo cor de chocolate.”

“Existem camelos assim?”

“Principalmente em Chandrabhaga. Vai gostar de lá. Não é um lugar muito visitado pelos ingleses. E seu cabelo vai combinar com a cor dos camelos.”

Ela sorriu, mas ficou um pouco constrangida e passou a mão por entre os fios. “Prefiro acreditar que meu cabelo é da cor do mel.”

“Mas estamos em Rajputana.”

“E quem é Indira?”

“É uma boa pergunta... Tem dezenove anos, mas faz o que bem entende. Vai descobrir que ela é muito fotogênica.”

“É sua irmã?”

Ele virou para olhar pela janela. “Não temos nenhum parentesco. Ela é uma pintora de miniaturas muito talentosa. Uma artista. Vive aqui sob proteção da minha mãe.”

Eliza ouviu o som de vozes infantis, com risos e gritinhos ecoando do lado de fora.

“Minhas sobrinhas”, disse ele, acenando antes de se virar para

Eliza. “São três, muito lindas. Nenhum garoto, para a eterna vergonha do meu irmão.”

Uma mulher de traços juvenis entrou silenciosamente na sala e fez sinal para que Eliza a acompanhasse. A fotógrafa pegou a bolsa, sentindo-se incomodada. Como ele podia dizer uma coisa daquelas para ela? Realmente acreditava que ter apenas filhas mulheres era motivo de vergonha?

“Pode deixar a bolsa aí. Alguém vai levar.”

“Posso ser apenas uma mulher, mas prefiro levá-la eu mesma.”

O príncipe inclinou a cabeça. “Fique à vontade. Esteja pronta às seis, depois de amanhã. Ou é cedo demais para você?”

“É claro que não.”

Ele pareceu examiná-la. “Tem algum traje feminino?”

“Se o senhor se refere a vestidos, sim, mas quando estou trabalhando prefiro usar calça.”

“Bem, será um prazer conhecê-la melhor, srta. Fraser.”

O sorriso condescendente dele a deixou mais irritada que o normal. Quem achava que era, para julgá-la? Preguiçoso, mimado, provavelmente sem propósito na vida, como todos os homens da realeza indiana. Quanto mais Eliza pensava naquilo, mais sua impaciência crescia.

Eliza acordou cedo no dia seguinte. As cortinas eram finas, e o sol já estava forte o bastante para obrigá-la a proteger os olhos ao pular da cama e olhar pela janela. Ela teve a estranha sensação de que, apesar de todos os anos que haviam passado, alguma coisa daquelas terras orientais ainda corria em seu sangue. O odor da terra suscitava memórias distantes, e ela acordara várias vezes durante a noite com a impressão de que estava sendo chamada por alguém. O ar carregava o aroma das areias do deserto, e ela inspirou o ar gelado da manhã, sentindo-se revigorada e nervosa.

A visão do jardim de inverno batia com a descrição, e ela sorriu ao ver os macaquinhos pulando de árvore em árvore, brincando nos maiores balanços que já tinha visto. Como o castelo — apenas uma

parte de uma fortaleza gigantesca — ficava no topo de um penhasco escarpado de arenito, que se erguia sobre a cidade dourada, a vista dos telhados planos mais abaixo a deixou sem fôlego, e ela abraçou o próprio corpo, em êxtase. Casinhas cúbicas, aninhadas perto dos muros da fortaleza, eram de um ocre profundo e polido, mas o tom das casas mais distantes no horizonte, onde a cidade ia dando lugar ao deserto, passava gradualmente para prateado-claro. Era como o estojo de tintas de uma criança, com tons sublimes de madressilva e dourado. Árvores empoeiradas à procura da luz pontilhavam o espaço entre as casas. Imensas revoadas de pássaros se precipitavam em mergulhos pela cidade inteira.

A temperatura estava amena, mas Eliza desconfiava que à tarde chegaria aos vinte e cinco graus, ou até mais, e que a probabilidade de chuva era pequena. Pensou no que vestir para uma partida de polo, e optou por uma camisa de mangas compridas, com uma saia pesada de gabardina. Decidir o que pôr na bagagem para a Índia a ocupara durante várias semanas. A mãe fora de pouca valia, lembrando-se apenas dos vestidos de noite que usava antes do assassinato do seu marido. Eliza tinha muito poucas recordações desse tempo, mas um nó lhe veio à garganta ao pensar nele.

A vida não tinha sido fácil para ela. Depois que Oliver, seu marido, morreu, Eliza voltou para a casa da mãe, onde descobriu que ela costumava esconder garrafas de gim, em geral debaixo da cama ou sob a pia da cozinha. Anna negava insistentemente e às vezes era incapaz de lembrar dos períodos de embriaguez. Por fim, Eliza perdeu as esperanças. Ao viajar para a Índia, ela esperava deixar tudo para trás. No entanto, lá estava Eliza, ainda olhando para o passado, e não apenas por estar pensando na mãe.

Ela examinou o quarto em volta. Era grande e arejado. A cama ficava escondida atrás de um biombo, e um dos cantos fora arranjado como uma pequena sala de estar, com uma poltrona espaçosa e um sofá de aparência aconchegante, atrás do qual uma porta em arco levava a uma salinha de jantar. Nenhum sinal de traças ou cupins. Outro arco decorativo, na parede oposta à cama de quatro colunas, dava para um sofisticado banheiro. A porta para a câmara escura ficava em um

corredor sombrio do lado de fora. Eliza confirmou que só ela teria a chave.

Enquanto arrumava as roupas, pensou em sua chegada na noite anterior, quando um brilhante pôr do sol coloria o céu de vermelho. Os sinos dos templos estavam tocando, e duas meninas, brincando de patins, quase a fizeram cair. Entre gritinhos e risinhos, elas pediram desculpas em híndi, e Eliza, feliz por conseguir compreendê-las razoavelmente, pensou agradecida no antigo *ayah* indiano que lhe ensinara o idioma. As aulas de revisão que havia feito recentemente também haviam ajudado.

Pouco tempo depois, um criado impecável, vestindo luvas, uniforme branco e um turbante vermelho, lhe levava numa bandeja de prata tigelas de *dal*, arroz e frutas. Ela foi para a cama cedo, depois de desfazer a mala. Teria caído no sono numa fração de segundo, exaurida pela longa viagem desde a Inglaterra, seguida pela expedição até Delhi e de mais um dia de jornada até Juraipore. Mas agitação era o que não faltava. Música, risadas, pássaros cantando, sapos coaxando, crianças fazendo barulho: tudo passava por sua janela, interrompendo seu sono. Os ruídos dos pavões mais pareciam miados de gatos.

Ela ficou acordada, tomada pela noite de Juraipore: os tambores, as flautas de bambu, a fumaça e, acima de tudo, a sensação permanente de uma vida vivida ao máximo, apesar da pobreza e da aridez do deserto.

Com a cabeça girando, pensou no pai e no marido. Será que um dia seria capaz de se perdoar pelo que acontecera? Era preciso, se quisesse aproveitar aquela oportunidade única na vida. Não podia correr o risco de ter que voltar rastejando para a mãe, arrependida. Eliza tinha dificuldade de reconhecer que havia redescoberto alguma coisa dentro de si, algo que perdera no dia em que haviam voltado para a Inglaterra.